

O Brasil no discurso da antropologia nacional

Comentários

RESENHA PUBLICADA NA HISTÓRIA REVISTA, VOL. 11, N. 2. Goiânia, 2006.

Como parte das atividades de pesquisa do Projeto Etnicidade, Região e Nação Erena/CNPq, que envolve pesquisadores da Universidade Federal do Amapá, da Universidade Federal de Goiás, da Universidade Federal do Pará, da Universidade Estadual de Goiás e da Universidade de Brasília, foi publicado, em 2006, o livro de Mônica Thereza Soares Pechincha, intitulado O Brasil no discurso da antropologia nacional, em que se analisa a relação entre cultura nacional e identidade. Segundo a própria autora, o outro na nação é o tema e o liame que permite a composição do livro. Seu ponto de partida foi um estranhamento quanto à representação antropológica da nação brasileira, onde o outro desaparecia em nome de uma totalidade. Para a autora, não se deve postular os outros na nação, como entidades sociais também integradas em si mesmas, razão pela qual parte da idéia de que a crítica antiessencialista contrapõe-se intrinsecamente à autoridade no reconhecimento do outro e de que a alteridade é uma relação. E nessa relação, a alteridade que se cria a partir dos lugares de enunciação hegemônicos da diferença pode levar ao problema da redução do outro.

Essa perspectiva levou-a à interrogação do poder como embutido no ato da representação. Na sua argumentação, critica o discurso da nação como um discurso essencializador, uma vez que a nação precisa representar-se como uma totalidade substantiva. A comparação entre os conceitos de ideologia, de acordo com a antropologia e o marxismo, levou-a ao conceito de discurso. Para Pechincha, nenhum discurso pode-se isentar da sua conjunção com o poder. Foi com base nesse pressuposto que a autora analisou a representação antropológica da cultura/nação brasileira, como um discurso em que se fala em nome da representação nativa e, ao mesmo tempo, se oculta o outro na nação.

Ao analisar a obra de Roberto DaMatta, Pechincha afirma que, entre outros fatores, falta a este autor a problematização da relação entre sujeito de conhecimento e objeto representado, porque aquele antropólogo falaria como um nativo. Na conclusão, reconhece que não é possível abordar a nação de forma antropológica, sem levar em conta o signo da nação e o local onde o poder foi produzido. Contrapõe a representação de Roberto DaMatta, para quem a nação foi apreendida como “um todo que se isola na medida em que se diz que ela forja a sua própria moralidade cognitiva” à representação subalterna de forma a romper com as hegemonias, desfazendo a ordem antropológica do mundo e perturbando a racionalidade hegemônica. Segundo Pechincha, a única razão de ser das antropologias periféricas é subverter essa supremacia cultural. Cabe reconhecer que este livro, com certeza, trará uma grande contribuição para o pensamento sociedade, graças à sua profunda fundamentação teórica.

--

Ao desmistificar crenças e argumentos largamente aceitos no mundo acadêmico, este livro faz uma releitura crítica dos cânones da antropologia brasileira, investigando o viés autoritário dos discursos hegemônicos, a partir dos quais conceitos de “cultura” são enunciados.

De posse de um arsenal teórico afinado com o diapasão crítico dos "estudos culturais", a autora resgata a inarredável consciência do papel político das ciências sociais, reafirmando que não se pode, em absoluto, admitir o relativismo como lugar privilegiado do escape ideológico.

Numa análise que remete a marcos importantes da antropologia brasileira, Mônica Pechincha identifica na linguagem antropológica dos estudos sobre o Brasil nítidos sotaques de conservadorismo oligárquico e de resistência ao reconhecimento real da existência e do poder do "Outro".

--

Neste livro, Mônica Thereza Soares Pechincha, analisa a relação entre a cultura nacional e a identidade, pelo enfoque temático do outro na nação.

Seu ponto de partida foi um estranhamento quanto à representação antropológica da nação brasileira, em que o outro desaparecia em nome de uma totalidade. Para a autora, não se deve postular "os outros" na nação como entidades sociais integradas em si mesmas. Em sua análise, ela parte da idéia de que a crítica antiessencialista contrapõe-se intrinsecamente à autoridade no reconhecimento do outro e de que a alteridade é uma relação. Nesta relação, a alteridade que se cria a partir dos lugares hegemônicos de enunciação da diferença pode levar ao problema da redução do outro, perspectiva que implica fazer a interrogação do poder como embutido no próprio ato da representação.

Segundo a argumentação da autora, o discurso da nação se constitui como um discurso essencializador, uma vez que a nação precisa representar-se como uma totalidade substantiva. Por meio da análise comparativa dos conceitos de ideologia estabelecidos na antropologia e daqueles derivados do marxismo, ela chega ao conceito de discurso e à certeza de que nenhum discurso pode se isentar da sua conjunção com o poder. Foi com base nesse pressuposto que a autora analisou a representação antropológica da cultura/nação brasileira, como um discurso em que, ao mesmo tempo, se fala em nome da representação nativa e se oculta o outro na nação.

Ao analisar a obra de Roberto DaMatta, Pechincha afirma que este autor negligencia a problematização da relação entre sujeito de conhecimento e objeto representado, entre outros fatores, porque em sua obra o antropólogo fala como nativo. Contrapõe a representação de Roberto DaMatta para quem a nação foi apreendida como "um todo que se isola na medida em que se diz que ela forja a sua própria moralidade cognitiva" a uma representação subalterna que busca romper com as hegemonias, desfazendo a ordem antropológica do mundo e perturbando a racionalidade hegemônica. Segundo a autora, a única razão de ser das antropologias periféricas é buscar subverter esta supremacia cultural.

Conclui seu livro afirmando não ser possível abordar antropologicamente a nação desconsiderando o signo da nação e o local de poder onde ele foi produzido.

Profundo e teoricamente bem construído, este livro certamente trará uma grande contribuição ao pensamento social brasileiro, daí sua publicação como parte das atividades de pesquisas e discussões levadas a termo pela equipe do Projeto Etnicidade, Região e Nação ERENA/CNPq.